

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Flávia de Fátima Negrão

**O Acervo Modernista da Associação Paulista de Medicina:
destino social e visibilidade de uma Coleção**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

**São Paulo
2019**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Flávia de Fátima Negrão

**O Acervo Modernista da Associação Paulista de Medicina:
destino social e visibilidade de uma Coleção**

Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação
em Gestão de Projetos Culturais, apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Fazzolari

São Paulo

2019

Banca Examinadora:

*Agradeço aos meus professores, em especial
minha orientadora Cláudia Fazzolari que em
todo o processo de pesquisa e produção de
texto me apoiou. À equipe da Biblioteca da
APM e ao Dr. Guido Arturo Palomba, um
Mestre por natureza.*

*Em especial, agradeço a minha filha Lara, que
me apoia em todos meus desafios da vida.*

*Obrigada a todos que colaboraram de forma
direita ou indireta neste processo feliz de
aprendizagem!*

O ACERVO MODERNISTA DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA: DESTINO SOCIAL E VISIBILIDADE DE UMA COLEÇÃO¹

Flávia de Fátima Negrão²

Resumo: O presente artigo investiga a formação do acervo modernista da Associação Paulista de Medicina, iniciado a partir dos anos de 1950 com obras datadas entre 1930 a 1960, bem como a visibilidade desse patrimônio histórico e cultural no cenário nacional. Pretende-se analisar as razões da limitada circulação do conjunto da coleção e suas relações culturais com a cidade de São Paulo. Além disso, busca-se compreender a estruturação da iniciativa, bem como a natureza da coleção, apresentando além de vias do financiamento que permitiram a criação de um acervo privado também os principais pilares da visibilidade desse acervo cultural.

Palavras-chave: modernismo, coleção particular, financiamento cultural, Associação Paulista de Medicina.

Abstract: This study aims to investigate the formation of the modernist collection of Associação Paulista de Medicina, which was started by 1950 and contains works of art dating from 1930 to 1960; as well as investigate the visibility of this historical and cultural heritage in national scenario. It also aims to analyze the reasons for the the limited circulation of the collection in regards of its cultural relation with the city of São Paulo. Furthermore, it seeks to investigate the structure of this initiative as well as the composition of its collection, and to understand, besides the source of funds that allowed the private collection creation, what are the main pillars for the visibility of this cultural asset.

Key words: modernism, private collection, cultural fund, Associação Paulista de Medicina.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais da Universidade de São Paulo.

² Graduada em Relações Públicas e Pós-graduada em Propaganda e Marketing na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo investigar la formación de la colección modernista de la Associação Paulista de Medicina, que se inició en 1950 y cuenta con obras de arte que datan de 1930 a 1960; así como investigar la visibilidad de este patrimonio histórico y cultural en la escena nacional. También se objetiva analizar los motivos de la limitada circulación de la colección en lo que respecta a su relación cultural con la ciudad de São Paulo. Además, se busca investigar la estructura de esta iniciativa, así como la composición de su colección, y comprender, además de los medios financieros que permitieron la creación de una colección privada, cuáles son los pilares principales para la visibilidad de este acervo cultural.

Palabras clave: modernismo, colección privada, financiación cultural, Associação Paulista de Medicina.

INTRODUÇÃO

A formação de acervos de arte em instituições privadas facilita a guarda de coleções que poderiam se perder, já que viabiliza a preservação de um patrimônio artístico que necessita além de competências técnicas para reconhecer o valor cultural das obras e de seus respectivos períodos, financiamento privado e local adequado para manter cada acervo. O acesso a coleções privadas e mesmo a destinação de alguns acervos de arte à visitação pública, permite-nos conhecer estratégias de formação de um conjunto de obras que revela, quase sempre, a narrativa de cada coleção. Esse é o caso do acervo modernista da Associação Paulista de Medicina³, objeto do presente artigo que pretende estudar a formação do acervo da APM em suas diversas fases de estruturação e circulação pelo país.

Em sua sede, a APM conserva uma importante coleção de pinturas de diversas tendências e estilos que se manifestaram na arte brasileira nos quase cem anos decorridos desde a Semana de Arte de 1922⁴. A convivência dos profissionais ligados à APM com os artistas modernistas brasileiros entre os anos de 1930 e 1950 visava no começo à promoção de debates e palestras no edifício Baldassi, onde ficava a segunda sede da instituição, localizada no centro de São Paulo, à avenida Brigadeiro Luiz Antônio. Posteriormente, a instituição foi para o edifício projetado por Eduardo Kneese de Mello, também na mesma avenida, no número 278, em 1948.

³ Conforme publicado na *Revista Paulista de Medicina*, n. 2, vol. XXXIII, agosto de 1948, p. 69-73, em 1930, quando foi fundada a Associação Paulista de Medicina a capital de São Paulo contava com 1 milhão de habitantes e mais de 1.000 médicos. Alberto Nupieri idealizou uma proposta de sede em 5 de setembro de 1930 e enviou à Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (*Revista da Paulista de Medicina*, vol. I, n. 1, janeiro de 1932). O projeto arquitetônico foi assinado por Eduardo Kneese de Mello (1906-1994), que recém-formado trabalhou com projetos particulares até os anos 1940 e depois desenhou edifícios comerciais, residenciais, educacionais e de saúde, além de conjuntos habitacionais públicos e privados em São Paulo. A sociedade médica teve sua primeira sede no Edifício Martinelli, no 13º andar de novembro de 1930 a outubro de 1938, na rua de São Bento, 405, mudou-se para a avenida Brigadeiro Luís Antônio, 393, permanecendo até os anos de 1940. Na gestão de 1943 a 1944, com a presidência do médico Oscar Monteiro de Barros, foi destinada pelo Governo do Estado uma subvenção no valor de Cr\$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros) em 15 de março de 1945, pelo Decreto-Lei n. 14.601 pago parceladamente até fins de 1945. Neste mesmo ano, sob a presidência do dr. Jairo Ramos, houve nova subvenção estadual, no valor de Cr\$ 2.500.000,00 (dois milhões e quinhentos mil cruzeiros), baseada no Decreto-Lei n. 14.851, de 9 de julho de 1945.

⁴ Conforme dados reunidos pelo crítico de arte José Roberto Teixeira Leite para o catálogo Arte na Associação Paulista de Medicina, publicado em 1987.

Nessa época, entre os membros da diretoria da APM havia grande interesse pelas exposições individuais que ocorriam na cidade de São Paulo, em sua maioria de pintores que integrariam sua primeira coleção; entre eles estavam *Di Cavalcanti*, *Alfredo Volpi*, *Aldo Bonadei*, *Mario Zanini*. Ainda no mesmo cenário agitava-se a vida cultural da cidade entre exposições de modernistas consagrados e mostras de material sobre técnicas de pintura que circulavam pela capital. Contando com a soma de diversas realizações da Diretoria Cultural da associação, gerou-se entre pintores que conheciam o interesse da entidade pela pintura, a convicção de que a futura pinacoteca seria uma realidade e que a associação daria materialidade a um projeto cultural de contornos significativos.

Entre 1949 e 1950, no Departamento de Cultura, sob a coordenação na época do médico Ernesto Vieira Mendes, dava-se início a uma campanha que visava dar existência à coleção de artes da Associação Paulista de Medicina. Na época, sem respaldo para o projeto completo de uma coleção inicial para composição do acervo de pintura brasileira, a diretoria tentou iniciar um pequeno núcleo nas antigas instalações da APM aguardando o término da construção da sede. No ano seguinte, um conjunto primeiramente de quatorze telas modernistas compradas pela APM fundava uma coleção de obras apoiada por associados, colecionadores e artistas, que passavam a integrar um acervo recém-criado por iniciativa de Mendes. Entre as obras destacamos: *A Procissão*, de Tarsila do Amaral; *O Batizado*, de Anita Malfatti; somadas às pinturas de Francisco Rebolo, Aldo Bonadei, Volpi, Clóvis Graciano e Mario Zanini, Lasar Segall, Aldemir Martins, Alfredo Volpi, Pancetti, e de artistas consagrados no modernismo brasileiro, compunha-se o primeiro momento de um acervo em expansão. Após campanha interna, em 1950 com o primeiro lote de quadros fundava-se a coleção de artes da APM. Nesse cenário, havia grande interesse para realizar-se empreendimento de tal amplitude, por isso, um acervo de pintura brasileira, aproveitando a fase ímpar de expressão que se avolumava desde a Semana de Arte Moderna em 1922, bastou para que os pintores brasileiros e os críticos de arte, em evidência então, concordassem com a ideia, e apoiassem a iniciativa da Diretoria Cultural.

De acordo com o panorama exposto, o presente artigo busca investigar a formação do acervo modernista da Associação Paulista de Medicina, iniciado a partir dos anos de 1950 com obras de arte datadas entre 1930 a 1960, bem como

acompanhar o deslocamento e a visibilidade desse patrimônio histórico no cenário nacional, analisando as razões da limitada circulação do conjunto da coleção e suas relações culturais com a cidade de São Paulo.

1. A FORMAÇÃO DO ACERVO MODERNISTA DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Com o objetivo de despertar o interesse dos associados pelas artes plásticas e apoio da então atual diretoria da época, sob a presidência do médico Jairo Ramos (gestões de 1945 a 1952 e 1955 a 1956), formou-se o primeiro acervo contendo artistas consagrados pelo público e pela crítica de arte. Por meio de subscrição à qual concorreram cerca de cinquenta médicos⁵, foi reunida a importância de Cr\$ 13.350,00 (treze mil, trezentos e cinquenta cruzeiros) com a qual foram adquiridos os 14 quadros⁶ do núcleo fundador da coleção. Depois, novas tratativas possibilitaram que outros artistas fossem considerados doadores para a fundação do perfil da coleção: Ochlmeyer, J. U. Campos, Virgílio Della Monica, Gino Bruno, José Antonio da Silva, Cândido Portinari e Aldemir Martins fizeram parte do grupo de colaboradores. Três outros quadros foram doados pelo médico Jairo Ramos, pela família Grieco e pelo próprio pintor Lasar Segall. Assim, chegou-se aos 17 quadros de tendências pictóricas que compuseram o centro crucial da coleção. Para efeitos de inclusão no patrimônio social da associação, o acervo inicial então constituído, foi avaliado em Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros), quantia que figurava no balanço da Tesouraria em 1950.

Como diretor cultural, o médico Ernesto Mendes, programava também exposições e debates, antes mesmo de consolidar o início da coleção de artes da APM. Com isso, acreditava formar um ambiente propício para se pensar a aquisição

⁵ Por meio de subscrição à qual concorreram os Drs. Adamo Nuvolari, Afonso Sette Junior, Alberto Chapchap, Anibal Pereira, Antonio da Costa Neves Junior, Carlos de Campos Pagliuchi, Carlos Gomes S. Thiago, Diamantino Cravo, Dorival Macedo Cardoso, Ernesto Mendes, Francisco Cerruti, Francisco Taneredi, Gustavo Fleury, Horacio Kneese de Mello, Hugo Cerello, João A. Caetano da Silva Junior, João Gomes Martins Sobrinho, José Goulart Penteado, José Henrique Brandão, José Marcilio, Lauro de Souza Lima, Macoto Ono, Mario Monaco, Marcos Ribeiro do Valle, Mathias Roxo Nobre, Moacyr de Souza Lima, Michel Abu Jamra, Nelson Planet, Oswaldo Lange, Otoniel Bueno Galvão, Paulo de Almeida Toledo, Paulo Nobrega, Paulo Rath de Souza, Paulo Schmidt Goffi, Pedro Refinetti, Raphael de Lima Filho, Renato Woisky, Reinaldo Chiaverini, René Barreto Filho, Sylvio Lemos do Amaral, Vicente Grieco, Waldemar Belfort de Mattos, Walter A. Adler e os Srs. Carlos Amaral e João Zelante. *Revista Paulista de Medicina*, n. 2, v. 37, set. 1950, p. 115-116.

⁶ *Revista da Paulista de Medicina*, n. 2, v. 37, set. 1950, p. 116.

de obras. A princípio, pensou-se em ampliar o acervo com alguns quadros visando compor os ambientes da sede, assim a ideia ganhava corpo e ficava mais forte o panorama idealizado por seus diretores. As pinturas adquiridas e as doações e contribuições dos próprios médicos fortaleceram o eixo central da coleção modernista. Alguns pintores interessados em ter suas obras no espaço, também participaram vendendo suas obras em condições especiais, por isso, a formação da coleção aconteceu através de um consenso entre médicos e pintores, muitas vezes mediado por críticos de arte, havendo em todos eles a convicção e a certeza de que haviam concretizado um primeiro acervo com expressão cultural e realizações objetivas⁷.

O inter-relacionamento médico cultural acontecia em reuniões mensais, onde eram ouvidos críticos de arte e pintores para orientar e esclarecer aquilo que não havia sido exposto durante as exposições que aconteciam pela cidade. Nesse período foi organizado um ciclo de conferências na sede contando com a participação de artistas e críticos de artes plásticas além de nomes da literatura como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Menotti Del Picchia, entre outros. Em 1948, o Departamento de Cultura da APM havia já programado um extenso roteiro de atividades culturais, não só patrocinando conferências de destacados críticos de arte, filósofos e cientistas, como também exposições de pintura, concertos musicais e exibição de filmes educativos. Entre os programas desenvolvidos em 1948 destacamos:

- 1) Conceito de Cultura Geral, tema relatado pelos Profs. A. de Almeida Prado, Pedro de Alcântara, Jairo Ramos e Dr. Paulo de Almeida Toledo.
- 2) Stravinsky no Panorama da Música Moderna com Dr. Attilio Z. Flosi, uma conferência ilustrada com audição de discos. Nessa sessão foram também projetados filmes educativos sobre “Os vencedores do prêmio Nobel” e “A pintura moderna nos Estados Unidos”, cedidos pelo Consulado Americano.
- 3) Origens e Tendências da Arte Moderna (Debates), conferências ilustradas com projeções. O tema apresentado pelo Sr. Sérgio Milliet, teve como correlatores o prof. Pedro de Alcântara Machado e o Dr. Lourival Gomes de Machado.

⁷ Conforme artigo escrito em 1997 por Ernesto Vieira Mendes, idealizador da Pinacoteca da Paulista de Medicina. Não publicado, documento localizado no arquivo físico do Departamento Cultural da Associação Paulista de Medicina.

- 4) Produção cultural do Brasil e da América, com tema relatado pelo Sr. Caldeira Filho (música), Sr. Sérgio Milliet (pintura), Sr. Roland Corbisier (romance), Sr. Cruz Costa (filosofia), Dr. Almansur Haddad (poesia) e outras palestras durante o ano. Além de algumas sessões mencionadas, o Departamento de Cultura Geral promoveu exposições de pintura dos seguintes artistas: Della Monica, Bernardino, J. U. Campos, Marques Campão, Maruske, Lacana, Ochlmehyer, Volpi, Zanini, Di Cavalcanti, Bonadei, Aldemir Martins, Lefèvre, Carnicelli, Suané, Nelson Nóbrega, Segal e Portinari⁸.

Em artigo escrito em 1997, arquivo do Departamento Cultural da APM pelo próprio médico Ernesto Mendes há uma citação que destaca a vitalidade da iniciativa:

A pinacoteca da APM é importante acervo da pintura brasileira, representando uma época cultural vivida na cidade de São Paulo por um grupo de médicos, artistas plásticos, críticos de arte e alguns intelectuais, irmanados pelo mesmo propósito e prevendo o seu valor inestimável com várias décadas de antecedência. Nada ocorreu por acaso. As perspectivas futuras, que já eram otimistas, tornaram-se infinitamente maiores com as tendências atuais de globalização, fazendo a pintura brasileira emergir com todo o vigor, igualando-se, por exemplo, às do México e Colômbia, já nas próximas décadas. A valorização dada recentemente aos pintores Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti, no mercado internacional, já é um forte indício de que isto irá acontecer. A notícia de que a Galeria Christie's leiloou recentemente por quantias altíssimas um lote de pinturas de artistas brasileiros pertencentes à época em que foi formada a maior parte do acervo da APM, sugere fortemente que a sua valorização nas próximas décadas alcançará quantias inimagináveis⁹.

⁸ *Revista Paulista de Medicina*. n. 2, vol. XXXIII, ago. 1948, p. 75-76.

⁹ Artigo escrito em 1997 por Ernesto Vieira Mendes, idealizador da Pinacoteca da Paulista de Medicina. Não publicado, documento localizado no arquivo físico do Departamento Cultural da Associação Paulista de Medicina.

Como diretor, Mendes organizou, entre 1949 e 1950 extenso programa de atividades culturais, não só patrocinando conferências de destacados filósofos e cientistas, como também diversos concertos musicais e exibição de filmes educativos. Em contexto histórico, nesta época, Milliet era Diretor da Biblioteca Municipal, onde anos antes tinha sido gestor o escritor Mário de Andrade, falecido em 1945. Lourival Gomes Machado era professor da Universidade de São Paulo, na área de Ciências Sociais, ambos colaboradores em jornais e revistas, escrevendo sobre problemas da cultura brasileira. Inês Bonadei, irmã do artista¹⁰, declarou que era muito grande o entusiasmo de Bonadei pelas sessões que frequentava na APM: “Ele ficava sempre muito interessado pelas reuniões, falava sempre nelas comigo e com pessoas amigas”. Também Rebolo depõe, no mesmo sentido: “Lembro-me da movimentação e dos comentários e acho, inclusive, que na época era proporcionalmente bem maior o número de médicos interessados em problemas de arte e cultura, em geral, talvez porque fossem mais estimulados”¹¹. Como o comparecimento às palestras era grande, a associação conseguiu criar condições para promover uma espécie de rateio, entre os médicos, visando a aquisição de obras. Poucos eram os que se negavam a colaborar, pois à essa altura muito já se tinha feito de divulgação, nos debates e nas palestras dos críticos de arte.

2. A CONSERVAÇÃO DO ACERVO E A CONSTRUÇÃO DA PINACOTECA

Com a convicção de que uma obra de arte para assumir seu verdadeiro papel precisa ser vista, conhecida e preservada o Diretor Cultural Ernani de Faria, desde que assumiu o cargo, buscou divulgar o acervo cultural, trilhando o caminho do médico Salomão Goldman, seu antecessor, que publicou o catálogo *A Arte na Associação Paulista de Medicina*¹², e sob a presidência de Osvaldo Giannotti Filho, resultado do trabalho do crítico de arte José Roberto Teixeira Leite, no mesmo ano em que se inaugurava a Pinacoteca Sala Ernesto Vieira Mendes, em 22 de outubro de 1987, no 8ª andar do prédio da av. Brigadeiro Luís Antonio, 278.

¹⁰ *Jornal da Associação Paulista de Medicina*, n. 361, out. 1987, p. 9.

¹¹ *Jornal Médico Paulista*, ano XI, jan. 1977, p. 4.

¹² LEITE, José Roberto Teixeira. *Arte na Associação Paulista de Medicina*. São Paulo: Associação Paulista de Medicina, 1987.

Neste período, circulavam entre colecionadores obras destacadas de Guignard, Volpi, Tarsila, Rebolo e de muitos outros mestres da moderna pintura brasileira, num processo de formação de coleções particulares que se acentuava desde os anos de 1960. O esforço da artista plástica Lúcia Py, consultora do acervo da APM, membro do Centro Brasileiro de Projetos e Artes, para organização da pinacoteca, merece atenção dada a consciência da necessária divulgação das obras para “que elas cumprissem seu papel”, ou seja, cumprissem seu destino social como acervo privado de acesso público. Do contrário, o acervo morreria, o que seria uma falha lamentável¹³. Para a artista, a solução adotada com o espaço para a pinacoteca se ajustava à ideia da divulgação das obras, afastando os riscos com transportes internos. Os quadros nesse sentido, não necessitavam ser colocados em um espaço isolado, até porque tal decisão afastaria os visitantes, e com sala própria, a APM transformava-se em um espaço cultural.

Para Regina Abreu, em *Museu etnográficos e práticas de colecionamento: antropofagia dos sentidos*,

A prática de colecionamento pode ser considerada universal. Em todas as culturas humanas, os indivíduos formam coleções, sejam particulares, sejam coletivas. O ato de colecionar pode ser mesmo pensado como uma operação mental necessária à vida em sociedade, expressando modos de organização, hierarquização de valores, estabelecimento de territórios subjetivos e afetivos. Colecionar, neste sentido, significa estabelecer ordens, prioridades, inclusões, exclusões e está intimamente associado à dinâmica da lembrança e do esquecimento, sem a qual os indivíduos não podem mover-se no espaço social.¹⁴ (ABREU, 2005, p. 103)

Até o ano de 2019, o acervo da APM registra em sua reserva técnica 132 obras adquiridas em três períodos distintos. A primeira fase na década de 1950 foi

¹³ *Jornal da Associação Paulista de Medicina*, n. 361, out.1987, no dia 22 do mesmo mês, foi realizada uma homenagem ao médico Ernesto Mendes, iniciador da pinacoteca, que dirigiu o Departamento Cultural da APM entre os anos de 1947 a 1950 – em três gestões).

¹⁴ ABREU, Regina. *Museus etnográficos e práticas de colecionamento: antropofagia dos sentidos*. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 103, 2005. Disponível em: <http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/artigos/museus_etnograficos1.pdf>. Último acesso em 15 fev. 2019.

caracterizada pela fundação do primeiro núcleo da coleção e a segunda fase (entre os anos de 1960 e 1970), estruturada após três décadas do movimento inicial, através das ações do médico e artista plástico, Aldir Mendes de Souza, que como presidente da Associação Paulista dos Artistas Plásticos (APAP), promoveu um convênio entre a APAP, a APM e uma empresa de medicina privada. Por esse acordo, os artistas deveriam doar à APM uma obra de arte no valor de Cr\$ 400.000 (quatrocentos mil cruzeiros). Em troca receberiam um plano de assistência médica oferecido pela instituição parceira do projeto de ampliação do acervo. Na terceira fase, desde 2000, o diretor cultural Guido Arturo Palomba, deu continuidade à expansão do acervo convidando artistas contemporâneos para expor na Pinacoteca propondo como contrapartida a doação de uma obra de arte à coleção.

3. O MODERNISMO BRASILEIRO E AS OBRAS DE ARTE DA APM

No presente artigo, não se pretende discorrer sobre o movimento modernista e seus desdobramentos, já que o estudo e bibliografia do movimento são muito extensos. Buscaremos situar a Semana de Arte Moderna de 1922, em especial as artes plásticas, já que o evento é emblemático para o país e que seja um paralelo entre as obras de arte da APM e o período que se vivia na cidade de São Paulo.

Em 1922, também ocorreram as comemorações do centenário da Independência, a fundação do Partido Comunista Brasileiro, a criação da Lei de Imprensa, a décima eleição presidencial no Brasil entre outros. Tal manifestação teve importância destacada por ter fortalecido nuances do pensamento nacionalista emergente da Primeira Grande Guerra Mundial, que começou em 1914 e durou até 1918. Nesse tempo, começava-se a assinalar as potencialidades do Brasil e os jovens intelectuais do país estavam eufóricos com as festas do Centenário da Independência. Após a exposição de Anita Malfatti em 1917 a 1918, em São Paulo, o modernismo se expande ocorrendo manifestações em três períodos que vão de 1922 a 1945.

A Semana de Arte Moderna no Brasil foi um dos eventos da cultura nacional e ocorreu entre os dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, no centro da capital. Nesse movimento cultural, entre seus expoentes estavam Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia. Manuel Bandeira, Sergio Milliet, entre outros que dedicaram à prosa e à poesia do século XX

investigações que ficaram como marco na literatura do nosso país. No campo das artes plásticas, a mesma situação ocorreu, em que podemos destacar Anitta Malfatti, Tarsila do Amaral, Victor Brecheret, Di Cavalcanti com obras que se encontram em museus de arte no Brasil e no mundo. E mesmo que o movimento fosse concentrado São Paulo e Rio de Janeiro, muitas manifestações culturais aconteceram também outros estados. O movimento modernista no Brasil ocorreu em três períodos de 1922 a 1945. O movimento também foi um eixo de articulação da história política e social do país¹⁵.

Em fevereiro de 1922, dava-se a notícia nos jornais de que a Semana de Arte Moderna de São Paulo despertava interesse nas rodas intelectuais e em distintos públicos entusiasmados com as apresentações dos artistas no Teatro Municipal, tendo o patrocínio da elite paulistana, que compareceu na Semana para ter acesso às conferências, ouvir músicas, ver exposição de quadros, declamação de poesias e que tinham como objetivo romper padrões acadêmicos. Tal evento transcorreu debaixo de vaias, assobios e no final, o público terminou jogando batatas. Podemos dizer que a Semana de Arte Moderna rompeu e destruiu as estruturas clássicas, acadêmicas, harmônicas e por esse motivo, tendo até como caráter anárquico. Essa busca pela origem e o nacionalismo e valorização das cores, da origem, da valorização do índio e da cultura brasileira.

Para Aracy Amaral, a Semana de Arte Moderna de 1922, o modernismo tomou maior consistência no país, pois a Semana representa um marco na arte brasileira, comparado ao impacto da Missão Artística Francesa ao Rio de Janeiro (1826), ou no século XVIII, ao legado de Aleijadinho.

No Brasil, internacionalismo e nacionalismo foram simultaneamente as características básicas do movimento modernista ocorrido nas letras e artes a partir de meados da segunda década do século passado. Mas a redescoberta do país, como escreveu Lourival Gomes Machado, “viaja o duplo roteiro dos navios que levam ao Havre e dos trens que conduzem a Ouro Preto”, em evidente alusão às viagens à Europa, e mais precisamente à França, pelos modernistas, e ao reconhecimento de uma “cultura” brasileira, a seu retorno do exterior, como no caso da

¹⁵ SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Modernismo no Brasil: Campo de Disputas. In: WERNECK, Fabiana (Org.). *Sobre a arte brasileira: da pré-história aos anos 1960*. São Paulo: WMF Martins Fontes/Edições Sesc. 2014, p. 233-246.

já famosa viagem a Minas em 1924 em companhia de Blaise Cendrars. O nacionalismo viria como decorrência de uma ânsia de afirmação a partir, gradativamente, da implantação da República (1889), estando daí em diante implícito o desejo de rompimento da intelectualidade com o século XIX e o academismo nas artes visuais¹⁶ (AMARAL, 1972, p.15).

Após a Segunda Guerra Mundial, a história do modernismo começou a ser desafiada e nesse período, o modernismo nas artes começava a ser questionado por ser excessivamente materialista, preocupado ainda com a pureza dos elementos pictóricos, forma, superfície. O perfil da sociedade contemporânea mudava, e isso se dava pela flexibilidade da economia, da evolução tecnológica, da abrangência dos meios de comunicação. Nesse sentido, houve uma mudança profunda da sociedade, redefinindo o panorama histórico da cultura, provocando enorme revolução no setor cultural. Contudo toda essa transformação, de fato, pouco alterou o abismo entre as classes sociais, os níveis de educação e as vivências culturais.

Se o modernismo não é a expressão da modernização socioeconômica, mas o modo como as elites se encarregam da intersecção de diferentes temporalidades históricas e tratam de elaborar com elas um projeto global, quais são essas temporalidades históricas e tratam com elas um projeto global, quais são essas temporalidades na América Latina e que contradições seu cruzamento gera? Em que sentido essas contradições entorpecem a realização dos projetos emancipador, expansionista, renovador e democratizador na modernidade?¹⁷ (CANCLINI, 2011, p. 13).

Nesse sentido, o autor apresenta um descompasso entre modernização socioeconômica e o modernismo literário-artístico e desvincula a reciprocidade entre a modernização e modernismo, já que na Europa e na América Latina, ser culto implica em vincular-se de objetos modernos e essa heterogeneidade multitemporal

¹⁶ AMARAL, Aracy. *Artes plásticas na Semana de 22: subsídios para uma história das artes no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1972., p. 15.

¹⁷ CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégia para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2011, p. 13.

geram os conflitos internos nas sociedades – criando um obstáculo para comunicar com seus povos. O modernismo no Brasil não espelha aquilo que ocorreu na Europa. Mas, vincula a construção da identidade cultural. O autor aponta a expansão restrita do mercado, que a democratização é para minorias, marcando o modernismo e a modernização sempre úteis para as classes dominantes.

Também no Brasil a expansão restrita do mercado e a complicada afirmação do campo consolidou coleções de arte moderna em circuitos praticamente fechados. Neste ambiente, vale destacar, a iniciativa da coleção modernista da APM, embora de caráter privado, tem se revelado como espaço aberto à formação de público e interconexão com a programação cultural de instituições museísticas.

4. EXPOSIÇÕES ITINERANTES DO ACERVO MODERNISTA DA APM

Após cinco décadas de sua formação, nos anos 1990, o acervo modernista da Associação Paulista de Medicina começou a circular entre os museus da cidade de São Paulo e mesmo em outras capitais passando a ter visibilidade fora do espaço da instituição.

Quantitativamente, o número de exposições realizadas contando com obras do acervo modernista da APM, Sala Ernesto Mendes, consolidou-se em um intervalo de tempo entre 4, 5 e 10 anos aproximadamente. E foi após o ano 2000, na gestão da Diretoria Cultural de Guido Arturo Palomba que as obras tiveram mais solicitações de empréstimos. No total, as obras da coleção participaram de 12 exposições diferentes, em instituições culturais distintas, entre mostras individuais e coletivas.

Das 23 obras da “sala da ilha”¹⁸, 21 trabalhos saíram pela primeira vez, para uma exposição de 5 dias – entre 11 e 17 de dezembro de 1990, quando participaram de uma

exposição intitulada *Comemoração dos 60 anos da Associação Paulista de Medicina – Mostra do Acervo de Arte na Galeria de Arte Sesi – FIESP (São Paulo/SP)*.

Entre as obras do período modernista estavam *Autorretrato*, 1944 e *Figuras à Beira Mar*, 1946, de Pancetti; *Menino*, 1940, de Portinari; *Paisagem*, década de

¹⁸ A “sala da ilha” é o nome que se aplica devido os quadros estarem numa redoma de vidro temperado com alarme, sendo o projeto arquitetônico de Rita Boon. A decisão de adotar esse desenho para a exposição foi registrada em ata de reunião em diretoria, cuja a pauta principal era a exposição.

1940, Francisco Rebolo Gonzales; *Rua do Subúrbio*, não datada, de Alfredo Volpi, *Casas e Árvores*, 1948, de Aldo Bonadei; *Maternidade*, 1958, de Emiliano Di Cavalcanti, Lasar Segall, *Paisagem de Campos de Jordão*, 1938; Lula Cardoso Ayres, *Mulher com Melancia*, 1951; Vitório Gobbis, *Negra*, 1951; Anita Malfatti, *O Batizado*, 1940; Edgar Ochmeyer, *Paisagem*, 1949; Emílgio de Souza, *Paisagem*, 1948; Flávio de Carvalho, *Modelo*, 1954 e *Dama da Noite*, 1958; Gino Bruno, *Teatro de Marionetes* s/data; Clóvis Graciano, *Rosto*, 1945; José Antonio da Silva, *Jacaré Chocando Ovos*, 1949; Aldemir Martins, *Última Cuia de Farinha*, 1946; Virgilio Della Monica, *Sem Título* (1942) e Mário Zanini, *Rua*, 1941.

Quatro anos após a primeira grande mostra externa, 3 obras saíram do acervo sob empréstimo para entre 12 de outubro a 11 de dezembro de 1994, compor o recorte da 22ª Bienal de São Paulo¹⁹, sob a curadoria de Nelson Aguilar, na Fundação Bienal de São Paulo, do Parque Ibirapuera – Portão 3 – São Paulo/SP, sendo elas *Procissão*, 1941, Tarsila do Amaral, *Casas e Árvores*, 1947, Aldo Bonadei, e *Negra*, 1931, de Vittorio Gobis.

Quase uma década após a participação na Bienal, a obra de Vittorio Gobbis, *Negra* foi solicitada para participar de 3 exposições, a primeira intitulada *O Tempo em Suspensão: Presença, Ressonância da Pintura Metafísica e do Novecento Italiano na Arte do Brasil, Argentina e Uruguai*, ficando o período entre 20 de fevereiro a 30 de junho de 2003, no Palazzo Reale, Società di Palazzo Reale, Prefeitura de Milano – Itália. Voltou para o Brasil e participou de exposição no recém-inaugurado Museu Oscar Niemeyer em Curitiba, no período de 8 de julho a 20 de agosto do mesmo ano, intitulada *Novecento*²⁰ *Sudamericano*, sob a curadoria de Tadeu Chiarelli e Diana Wchsler. Logo em seguida, sem retornar para o acervo, a obra seguiu para São Paulo, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, com a mesma curadoria.

¹⁹ A 22ª Bienal, em 1994, foi financiada pelo ex-banqueiro Edemar Cid Ferreira, eleito presidente da Fundação Bienal dois anos antes da mostra. O espetáculo do chamado “estilo Edemar” ficou explícito antes mesmo da abertura da exposição. Entrevista à *Folha de S.Paulo*, edição de 26 julho de 1994.

²⁰ O Novecento é um movimento que nasceu em Milão em 1922 e reúne a obra de um grupo de artistas ligados à galeria Pesaro. O nome sugere uma dupla associação: ao século XX e aos grandes períodos clássicos da arte italiana como o *Quattrocento* e o *Cinquecento*. Apesar da exposição não chegar ao Brasil, o Novecento se faz presente mediante artistas italianos ou ítalo-brasileiros que aqui residem. Entre eles encontram-se Vittorio Gobbis (1894-1968), Rossi Osir (1890-1959), Fulvio Pennacchi (1905-1992) e Hugo Adami (1899-1999), sendo que este último participa da grande mostra do Novecento em 1926, quando estudava na Itália. Mostra Novecento em Curitiba. Instituto Cultural Itaú. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo886/novecento>>. Último acesso em: 15 fev. 2019.

No ano de 2005, em 23 de junho de 2005, o Museu de Arte de São Paulo promoveu a retrospectiva de *Aldemir Martins, Sete Décadas de Sucessos Artísticos – 1945-2005* e realizou o lançamento do livro do pintor e gravador brasileiro. A obra da APM, a *Última Cuia de Farinha* ficou entre as primeiras obras a serem apresentadas ao público.

A obra *O Batizado*, de Anita Malfatti participou de duas exposições individuais no ano de 2010 – a primeira de 30 de julho a 26 de setembro – a exposição *Anita Malfatti – 120 anos de nascimento*, Centro Cultural Banco do Brasil no Rio Janeiro/RJ, viajando posteriormente com a mesma mostra entre 20 de fevereiro a 25 de abril de 2010 para o Centro Cultural Banco do Brasil em Brasília/DF.

Solicitada pelo Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, a obra *Procissão* participou, entre 13 de fevereiro a 29 de abril de 2012, da mostra *Tarsila do Amaral Percorso Afetivo*, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio Janeiro.

No mesmo ano, o trabalho do artista Flavio de Carvalho Modelo (1954) e *Dama da Noite* (1958) compôs entre os dias 6 de fevereiro a 29 de abril a mostra *Flavio de Carvalho – A Revolução Modernista*, no Centro Cultural Banco do Brasil, em Brasília/DF. Esta exposição individual teve muita importância para o acervo da APM, pois a obra teve detalhe divulgado na capa do livro-catálogo constando também nas peças de comunicação da mostra, especialmente no banner de divulgação no CCBB e no material de abertura da exposição.

Entre 5 de novembro de 2011 a 29 de janeiro de 2012, a comissão que organizou a exposição individual intitulada *Anita Malfatti* no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba – Paraná, solicitou empréstimo da obra *O Batizado*.

A obra da Tarsila do Amaral, *Procissão*, novamente viajou para participar de uma grande coletiva entre 2 de agosto de 2017 a 15 de janeiro de 2018. *A Cor do Brasil: de Visconti a Volpi*, em cartaz no Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro contou com a pintura em sua proposta expositiva. Dessa vez, a obra do acervo da APM ficou ao lado das obras *Abaporu* e *Antropofagia*, ambas da artista.

Em 2019, a obra *Procissão*, de Tarsila do Amaral será emprestada para participar de importante exposição do Museu de Arte de São Paulo, MASP. O tema será “Histórias das mulheres, histórias feministas” prevista para inaugurar em abril de 2019. Ao longo do ano, haverá exposições monográficas de Djanira da Motta e

Silva, Tarsila do Amaral, Lina Bo Bardi, Anna Bella Geiger, Leonor Antunes, Gego e uma mostra coletiva internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida, as ações relacionadas aos empréstimos das obras, as exposições, o primeiro informativo de 1987 e a publicação do livro Acervo da Pinacoteca da Associação Paulista de Medicina ampliaram as condições de divulgação do acervo, porém, ainda em relação à acessibilidade e democratização da coleção, podemos dizer que há muito trabalho a ser desenvolvido pela instituição. Podemos afirmar que o acesso ainda não é o suficiente para ser mais democrático.

O fato de ser um acervo aberto ao público contribuiu para a acessibilidade, porém, por se tratar de uma sala localizada no 8º andar de um edifício comercial dificulta a visita ao patrimônio artístico. Diante da qualidade do acervo, é fundamental que haja uma política de democratização na instituição e que sejam criadas oportunidades de divulgação pois os visitantes, que pelo que foi constatado pela pesquisa, reconhece com surpresa um acervo tão importante no local. Vimos que os principais museus da cidade procuram o acervo para participar de exposições importantes, e escolas incluem a coleção nos programas de visitas monitoradas.

Este artigo, buscou entender a importância do acervo da APM, e como se deu a circulação de sua coleção, confirmando a necessidade de se criar novos compromissos com a formação cultural para divulgação do acervo da APM, pois uma obra de arte para assumir seu verdadeiro papel na sociedade deve ser compartilhada entre as instituições, públicas ou privadas e diversos públicos.

Afinal, o artista que a criou cada obra teve a intenção de se comunicar com o público. O acesso às obras poderá ser garantido com implementação de uma política de divulgação do acervo entre comunidade interna e externa, criando um canal de comunicação efetivo para ampliação do circuito de visitação da pinacoteca.

Outro fator que pode contribuir é a utilização das tecnologias para criar ambientes virtuais como forma de democratização do acervo e que haja sempre uma preocupação em alcançar novas propostas de uso para o espaço cultural. Cabe à gestão que está atuando ser articuladora de ações entre o público e a coleção,

enfatizando a importância da atividade de pesquisa como compromisso para melhor conhecimento da coleção, definindo objetivos e estratégias de fortalecimento de um programa consolidado de acessibilidade cultural, além da sala expositiva ou mesmo de uma reserva técnica.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy A. *Artes Plásticas na Semana de 22: subsídios para uma história das artes no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1972.

_____. *Artes plásticas na Semana de 22*. 5. ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. *Textos do trópico de Capricórnio – Circuitos de arte na América Latina e no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. Dossiê Semana de Arte Moderna. O modernismo brasileiro e o contexto cultural dos anos 20. *Revista USP*, São Paulo, n. 94, p. 9-18, jun.-jul.-ago. 2012.

_____. Oswald de Andrade e as artes plásticas no modernismo dos anos 20. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, v. 33, p. 68-75, 1992.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégia para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2011.

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA. *Revista Paulista de Medicina*, v. XX, p. 69-73, ago. 1948.

_____. *Revista Paulista de Medicina*, v. 37, n. 2, p. 115-116, set. 1950.

_____. *Jornal Médico Paulista*, ano XI, p. 4, jan. 1977.

_____. *Jornal da Associação Paulista de Medicina*, n. 361, out. 1987.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Modernismo no Brasil: campo de disputas. In: WERNECK, Fabiana (Org.). *Sobre a arte brasileira: da pré-história aos anos 1960*. São Paulo: WMF Martins Fontes: Edições Sesc. 2014.

ABREU, Regina. Museus etnográficos e práticas de colecionamento: antropofagia dos sentidos. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 31, 2005.

LEITE, José Roberto Teixeira. São Paulo: Associação Paulista de Medicina, *Arte da Associação Paulista de Medicina*, n. 361, outubro de 1987.

ANEXO I

AS OBRAS DE ARTE DO ACERVO MODERNISTA – SALA ERNETO MENDES



Pinacoteca da Associação Paulista de Medicina,
Sala Ernesto Mendes



Alfredo Volpi
Rua de Subúrbio, s/data
Óleo s/tela, 65 x 54 cm



Aldemir Martins
Última Cuia de Farinha, 1946
Óleo s/ tela, 70 x 60 cm



Aldo Bonadei
Casas e Árvores, 1948
Óleo s/tela, 60,8 x 81 cm



Anita Malfatti
O Batizado, 1940
Óleo sobre tela, 40,6 x 55,7 cm



Cândido Portinari
Desenho de Homem, s/data
Metal ponta seca, 15 x 11 cm



Emídio de Souza
Paisagem, 1948
Óleo s/tela, 36 x 49 cm



Clóvis Graciano
Rosto, 1945
Óleo s/tela, 55 x 45,5 cm



Emiliano Di Cavalcanti
Maternidade, 1942
Óleo s/tela, 93 x 73,5 cm



Edgar Oehlmayer
Paisagem, 1949
Óleo s/tela, 50 x 65 cm



Flavio de Carvalho
Modelo, 1954
Óleo s/tela, 70 x 65 cm



Flavio de Carvalho
Dama da Noite, 1958
Desenho a nanquim, 100 x 70 cm



Francisco Rebolo
Paisagem, década de 40
46 x 54 cm, Óleo s/tela



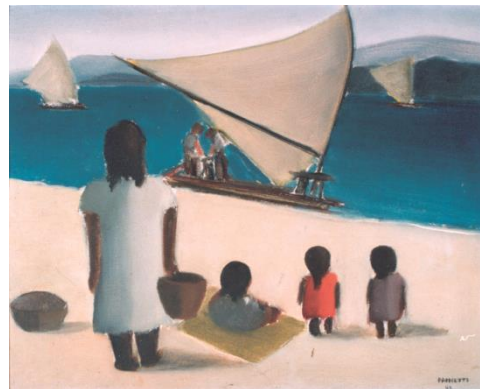
Gino Bruno
Teatro de Marionetes, s/data
Óleo s/tela, 80 x 100 cm



José Pancetti
Auto-Retrato, 1944
Óleo s/tela, 46,7 x 38,5 cm



Harry Elsas
Auto-Retrato, 1955
Óleo s/Madeira, 45 x 36 cm



José Pancetti
Figuras à Beira Mar, 1946
Óleo sobre tela, 33 x 41 cm



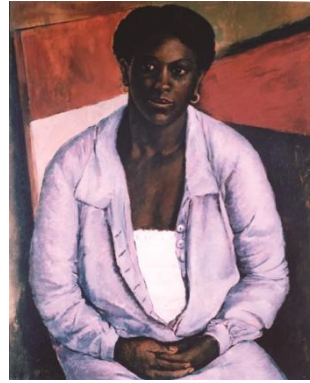
José Antonio da Silva
Jacaré Chocando os Ovos, 1949
Óleo s/tela, 35 x 50,8 cm



Lasar Segall
Paisagem de Campos do Jordão, 1938
Óleo s/tela, 53 x 64,5 cm



Lula Cardoso Ayres
Mulher com Melancia, 1951
Óleo s/tela, 92,5 x 73,5 cm



Vittorio Gobbis
Negra, 1931
Óleo s/tela, 74 x 60 cm



Mário Zanini
Rua, 1941
Óleo s/tela, 50,5 x 65,3 cm



Virgílio Della Monica
S/título, 1942
55 x 46 cm, Óleo s/tela



Tarsila do Amaral
Procissão, 1941
Óleo s/tela, 50 x 65 cm

ANEXO II

FOTOS DE ALGUMAS EXPOSIÇÕES ITINERANTES DA PINACOTECA DA APM – SALA ERNESTO MENDES



O Diretor Cultural Guido Palomba, sua filha Cecília e o artista Aldemir Martins, em Retrospectiva de Aldemir Martins, Sete Décadas de Sucessos Artísticos – 1945-2005 e lançamento de livro. A obra da APM, a Última Cuia de Farinha ficou entre as primeiras obras a serem apresentadas ao público. Data: 23 de junho de 2005, Museu de Arte de São Paulo.



Exposição: "Anita Malfatti" – 120 anos. Período de novembro 2011 a 29 de janeiro de 2012, Museu Oscar Niemeyer (Rua Marechal Hermes, 999, Curitiba).



Exposição no Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB Rio de Janeiro, "Tarsila do Amaral – Percurso Afetivo". Ficou até dia 29 de abril de 2012



De 6 de fevereiro a 29 de abril de 2012, as obras *Modelo* e *Dama da Noite* participaram da mostra *Flavio de Carvalho – A Revolução Modernista*, no Centro Cultural Banco do Brasil, em Brasília/DF. Detalhes da obra na capa do livro-catálogo constando também nas peças de comunicação da mostra, especialmente no banner de divulgação no CCBB e no material de abertura da exposição.



Chegada e perícia da obra *Procissão*, de Tarsila do Amaral, para participar da exposição coletiva entre 2 de agosto de 2017 a 15 de janeiro de 2018. *A Cor do Brasil: de Visconti a Volpi*, no Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro.

Crédito das fotos: arquivo da APM

ANEXO III

FOTOS REFERENTES AOS QUADROS QUE FICAVAM EXPOSTO NAS DEPENDÊNCIAS DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA



Antes da inauguração da Pinacoteca da Associação Paulista de Medicina, Sala Ernesto Mendes, as obras ficavam expostas nas salas de reuniões e espalhadas pelo prédio.
Fotos: anos 1970 – crédito: arquivo APM